

## MORTO-VIVO OU VIVO-MORTO: OUTRAS VOZES DE UM SOBREVIVENTE-TESTEMUNHA DO NAZISMO

Roberto Paiva

*Programa de Pós-Graduação em Comunicação/PUC-SP*

LEVI, Primo. *Último natal de guerra*. Tradução de Maria do Rosário Toschi Aguiar. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2002.

Primo Levi foi prisioneiro num Campo de Concentração do complexo de Auschwitz (Polônia), \_ de fevereiro de 1944 ao final de 1945, integrando um grupo de 650 judeus deportados da Itália \_ e contrastando com o que ele aí passou, seu livro póstumo, *Último Natal de Guerra*, contém narrativas engraçadas e casos alegres que demonstram a esperança e o prazer indizível de viver e amar. O conto que dá nome à coletânea *O Último Natal de Guerra* é ilustrativo: em condições das mais atroz, o autor, que trabalhava como químico no Campo, se viu, cara-a-cara com uma “colega” de trabalho, Frau Mayer, alemã, branca e limpa, que pediu, como “favor”, se não poderia consertar sua bicicleta. Estabelece com Primo, uma espécie de contrato, ainda que cometesse uma infração gravíssima na sistemática do Campo: reverter seu tempo de trabalho fora do laboratório e consertar uma rele bicicleta.

Óbvio, ter relações humanas com pessoas do “outro lado” era realmente perigoso. Consertou a bicicleta e Frau Mayer deu, em grande segredo, para Primo um ovo cozido e quatro cubos de açúcar \_ contribuição mui generosa dada à situação de fome no Campo. Ao entregar o embrulho, sorratamente sussurrou: “Em breve chegará o Natal” \_ palavras absurdas para um prisioneiro judeu, o que naquela época nenhum alemão ousaria dizer. Levi, ao tentar entender tal ato, depois de quarenta anos para descrever tal ilustração não “tenciona justificar a Alemanha nazista. Um alemão humano não exime os inumeráveis alemães desumanos ou indiferentes, mas tem o mérito de tentar romper um estereótipo”.

Marco Belpoliti, um dos maiores estudiosos da obra de Primo Levi na Itália é quem introduz este volume. O conteúdo pode ser reunido em várias unidades temáticas: sete contos apresentando impressões memorialísticas, tratando de episódios da Segunda Guerra Mundial; os 19 restantes são surrealistas ou fantásticos, o que inclui entrevistas com animais e cartas enviadas a outras galáxias. Ora, se Auschwitz foi um evento surreal na História da Humanidade, é também, na contra ordem do tempo, um evento realista.

Primo Levi não se considerava um escritor, já que era um químico por profissão, muitos de seus contemporâneos também não o consideravam: era, apenas, alguém que

escreve memórias. *O Último Natal de Guerra* reúne parte dos contos produzidos por ele entre os anos de 1977 a 1987 e, quer seja um escritor ou não, deixa que o leitor tome contato com a visão de mundo dele, a de que é um perigo estar num mundo pérfido e perigoso, aí é difícil de se estar, pois representa um local repleto de desafios morais e éticos, sem lugar para a inocência.

Sem melodramas ou mesmo autocomiserações, sua experiência de prisioneiro de Auschwitz lhe deu um material literário tão espetacular a ponto de permitir que suas narrativas girem em torno do fantástico e, ao mesmo tempo, do real. Assim, nos contos de *O Último Natal de Guerra*, Primo chega a ficcionar e metaforizar sua timidez e melancolia, lembrando-se de pequenos fragmentos e dramáticos episódios passados em Auschwitz.

*O Último Natal de Guerra* é o 22º volume da coleção letras italianas, da editora paulistana Berlendis & Vertecchia, que teve tradução de Maria do Rosário Toschi Aguiar. Este volume reflete o “último instante estilístico” de Primo Levi, como bem define a crítica italiana, e é o resultado da reunião de publicações esparsas do autor nos jornais de seu país. Quando Primo escreveu esses contos, estava no que poderia ser descrito como um novo momento da sua vida no campo literário em meio a uma batalha: lutava para deixar de ser apenas um sobrevivente ou uma testemunha, esperava, sim, uma nova forma de liberdade, a liberdade do escritor.

Por isso, um canguru é convidado para uma festa em *Jantár em Pé*, nações eternamente em guerra descobrem a paz em *As Duas Bandeiras* e provocam mais violência no coração de um homem; jornalistas entrevistando uma girafa, uma toupeira, uma aranha ou uma formiga acerca de seus peculiares hábitos alimentares-conjugais. A manifestação da fusão entre o real e o ficcional é a característica básica da obra de Primo; daí as entrevistas surreais, com respostas carregadas de informações corretíssimas do ponto de vista biológico, de um lado, extraindo lições sobre o comportamento humano e sua relação destruidora com o meio ambiente, de outro.

Registre-se que Primo Levi publicou livros de caráter autobiográfico e memorialista que direta ou indiretamente o conduziam, novamente, ao evento traumático, sua experiência com o extermínio \_ *É Isto um Homem?* (publicado em 1947), *A Trégua* (publicado em 1963, baseou o filme do mesmo nome em 1998). O próprio Primo Levi explanava que tinha sido Auschwitz que fez dele um escritor, em nome de uma necessidade, tanto moral quanto psicológica, de contar. Como um ajuste de contas com suas memórias e, ao mesmo tempo, exorcizar Auschwitz.

Nesse contexto, já a partir de sua libertação, começou a escrever, ‘acertando suas contas’ em *É Isto um Homem?*, apresentando suas vivências e experiências no Campo de Concentração pela literatura. Mas, o mais surpreendente foi o modo como Primo fez. Desconsiderar detalhes escatológicos da situação, valorizando a condição humana, sempre questionando a necessidade que os homens têm em, ao mesmo tempo, amar seu outro,

da mesma forma que o elimina. Para isso, Primo não incorpora o discurso da vitimização, mesmo sendo prisioneiro, impunha-se como superior, racionalizando o horror impetrado pelos nazistas, fazendo com que o leitor perceba e realize sua presença em Auschwitz.

Primo na sua vida cotidiana recebia, segundo seus biógrafos, Ian Thomson, autor de *Primo Levi*, Carole Angier, de *The Double Bond* e Myrian Anisimov em *La Tragedie D'un Optimiste*, várias cartas de estranhos a ele, que lhe pediam conselhos dos mais diversos a respeito de seus problemas existenciais em geral. Essa fama nascida da tragédia na juventude era o que o tornava imbatível nas mais absurdas e espetaculares resoluções para sobreviver.

Corre, pelas páginas, a presença de Ítalo Calvino. Aliás, ambos estrearam juntos na cena literária italiana. Com Primo, os Campos; Ítalo, na resistência. Com a presença da fábula e do fantástico há sempre um tom, até certo ponto, desesperançoso e melancólico, a perda do objeto, a busca daquilo que não se sabe. Poucos meses depois de ter escrito esses contos, Primo Levi suicida-se em 1987, aos 67 anos, lançando-se teatralmente do alto das escadas do prédio onde nasceu e passou toda sua vida, em Turim, Itália. Ato esse cercado de mistério. Por que um homem da química, que tinha acesso a tantas formas menos dolorosas para morrer, escolhe justamente essa?

O drama da sua vida não o poupou de carregar uma culpa tão dramática, aquela do sobrevivente-testemunha. Por que eu? E os outros? Essas eram as perguntas que Primo sempre fazia, cristalizadas em seu outro livro, *Os Afogados e os Sobreviventes*. Primo, nesta via dupla do estar morto-vivo, buscando a síntese ou aniquilação de nossa sobrevivência, sempre avisando da fórmula perfeita, em que tudo é possível e que um pouquinho de loucura, ou o ofício de escritor é que conseguiremos desvendar os enigmas do mundo.

O *Último Natal de Guerra* juntamente com *É Isto um Homem?*, *Afogados e Sobreviventes*, *A Trégua* e os demais livros de Primo constituem-se narrativas que refletem a vida o autor, sua grande luta entre recordar e ao mesmo tempo expulsar de si as recordações – e isto ele o faz sem incorporar, repita-se, o discurso da vitimização; mesmo tendo sido prisioneiro se impunha como ser humano, como superior, racionalizando o horror impetrado pelos nazistas, fazendo com que o leitor perceba e realize sua presença no Campo. Assim, nessa via dupla de estar morto-vivo ou vivo-morto, considerando que carregava consigo a culpa dramática do sobrevivente-testemunha, Primo sabia que, um dia, iria sucumbir, do mesmo jeito que todos os que estavam em situação análoga como Sarah Kauffman, Paul Celan, Walter Benjamim e outros.

## OUTROS NAZISMOS: CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESCRITA DA HISTÓRIA

Beatriz Kushnir

Núcleo de História e Linguagens Políticas/UNICAMP

KOIFMAN, Fábio. *Quixote nas trevas: o embaixador Souza Dantas e os refugiados do nazismo*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

Ao conceder vistos e documentos falsos a refugiados do nazismo, sendo uma boa parte desses a judeus, apesar da vigência de uma proibição secreta promulgada pelo governo Getúlio Vargas em 1937, Luiz Martins de Souza Dantas (1876-1954), embaixador brasileiro na França durante 20 anos, colocou em risco não só a sua carreira de diplomata mas também a sua própria vida. Seus vistos, porém, garantiram não só a manutenção de vidas, como também permitiram àqueles refugiados que aportaram em território brasileiro que aqui criassem descendentes – homens e mulheres que jamais teriam existido se esses imigrantes tivessem permanecido na Europa. A particularidade da trajetória de Souza Dantas, que chefiou a embaixada do Brasil em Paris durante a 2ª Guerra Mundial, sob o espectro do Terceiro Reich, da República de Vichy e do Estado Novo de Vargas, é o assunto de *Quixote nas Trevas*, livro do historiador Fábio Koifman baseado numa dissertação de mestrado em História apresentada na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ.

Os gestos de Souza Dantas levaram este diplomata a ser conhecido hoje como o “Schindler brasileiro”, pelas semelhanças com o personagem heróico retratado no filme de Steven Spielberg. O livro de Koifman, ao divulgar os atos humanitários do embaixador brasileiro, levou a um processo de reconhecimento de suas ações pelo Yad Vashem, o Museu do Holocausto, em Israel. Souza Dantas concedeu vistos a cerca de mil pessoas que pereceriam nas mãos dos nazistas se tivessem permanecido na França ocupada. Deste montante, Koifman levantou 473 nomes — entre judeus e não-judeus — que aportaram em território brasileiro e aqui passaram pelos anos de guerra na Europa.

O embaixador era membro de uma família de conselheiros, coronéis e capitães-mores, que fazia parte da elite Imperial e adentrou a República exercendo importantes postos na carreira do Palácio do Itamaraty do Barão do Rio Branco — o primeiro ministro das Relações Exteriores dos Estados Unidos do Brasil e que continuava a ostentar o título de nobreza. O papel salvacionista atribuído a Souza Dantas decorre da sua coragem em desafiar as normas restritivas da circular secreta número 1127, de 1937, decretada pela ditadura estado-novista, e que orientava as embaixadas brasileiras a proibirem a concessão de vistos às pessoas de origem semita. Acerca de sua atitude, o